

AFIRMAÇÃO, ESCREVER, TOM, SILÊNCIO, LINGUAGEM...

COMENTÁRIO SOBRE “O INTERMINÁVEL, O INCESSANTE” EM
O ESPAÇO LITERÁRIO DE MAURICE BLANCHOT

ARTIGO

João Gabriel Lima¹

RESUMO: Este ensaio deseja explorar cinco conceitos do livro *O espaço literário* de Maurice Blanchot: afirmação, escrever, tom, silêncio e linguagem. Esses conceitos são essenciais para a compreensão das considerações de Blanchot sobre o processo de criação literária.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita. Silêncio. Blanchot.

O alvo desse caçador não é o animal que ele vê passar correndo. Ele atira a flecha de seu poema sem direção definida, com a obscura esperança de que uma caça qualquer aconteça achar-se na sua trajetória.

João Cabral de Melo Neto

O livro *O espaço literário*, escrito em 1955, é sem dúvida uma das obras críticas mais importantes sobre o processo de criação literária. Analisando autores como Kafka e Mallarmé, Maurice Blanchot realiza nesse um livro um sofisticado estudo sobre a origem da obra, criando conceitos nada simples de serem descritos – ainda que fundamentais para a compreensão da escrita moderna. Trata-se, sem dúvida, de um livro de forte inspiração fenomenológica, construído sobre bases especulativas e autorreferenciais. No entanto, não se deve tomar esse procedimento como uma falha, mas sim como um método exigido pela árdua tarefa de localizar – ainda que modo caótico – o

¹ João Gabriel Lima da Silva é psicólogo, mestre com louvor em “Estudos da subjetividade” pela Universidade Federal Fluminense (Niterói, Rio de Janeiro). Recentemente apresentou trabalhos no Human Rights, Literature, the Arts and Social Sciences na Central Michigan University (Mount Pleasant, MI), e na Conferência do Tercentenário de Rousseau, organizada pelo Colorado College (Colorado Springs, CO).



instante da criação artística e as condições necessárias a um escritor para essa produção.

O primeiro capítulo do livro, intitulado “A solidão essencial” (BLANCHOT, 1987, p. 9-26) é talvez o mais denso e complexo de toda a obra de Blanchot. Comentá-lo inteiramente seria tarefa de um livro ambicioso. Por essa razão, nosso comentário aqui se restringirá apenas ao sub-capítulo “O incessante, o interminável” (BLANCHOT, 1987, p. 16-18), terceira parte desse primeiro capítulo. No presente ensaio, iremos ao encontro de cinco conceitos abordados no livro *O espaço literário* de Maurice Blanchot: afirmação, escrever, tom, silêncio e linguagem. A leitura aqui empreendida tem como pretensão única reunir, desdobrar e dar ênfase a alguns conceitos periféricos relacionados ao momento preciso da criação literária.

Afirmação

A solidão que acontece ao escritor por força da obra revela-se nisto: escrever é agora o interminável, o incessante. O escritor já não pertence ao domínio magistral em que exprimir-se significa exprimir a exatidão e a certeza das coisas e dos valores segundo o sentido de seus limites. O que se escreve entrega aquele que deve escrever a uma afirmação sobre a qual ele carece de autoridade, que é ela própria sem consistência, que nada afirma, que não é o repouso, a dignidade do silêncio, pois ela é o que ainda fala quando tudo foi dito, o que não precede a palavra, porquanto, na verdade, impede-a de ser palavra iniciadora, tal como lhe retira o direito e o poder de interromper-se. (BLANCHOT, 1987, p. 16)

Em “O incessante, o interminável”, Maurice Blanchot define o que é ‘escrever’ com afirmações, e o que é ‘afirmação’ com negações. A ‘afirmação’ do escritor se contrapõe à ideia de uma suposta “certeza das coisas e dos valores” incorporados pelo autor que seriam aplicados em um papel no instante da escrita. Não há, para o escritor, um conhecimento íntimo do que ele faz quando escreve, como faz, ou de modo mais preciso, não há um pressentimento de que a expressão das palavras significarão o que ele deseja de acordo com o “sentido de seus limites” supostos antes da escrita. Há apenas uma *entrega*, mas não em um sentido romântico, no qual o autor se entregaria ao texto em decorrência de uma inspiração. Ao contrário, é o *texto que entrega o autor*, ou nas palavras de Blanchot, “o que se escreve entrega



aquele que deve escrever” (BLANCHOT, 1987, p. 16). A entrega, portanto, não é do escritor ao texto, mas do texto ao escritor.

De acordo com Blanchot, o ato da escrita é uma entrega do escritor a uma *afirmação*. Nessa ‘afirmação’, o escritor está entregue, não dispendo, contraditoriamente, de autoridade sobre o que escreve. Não se trata aqui de um tipo de escrita cuja origem seria a vontade consciente de um escritor que sabe se utilizar de tal ou qual forma literária premeditada. Essa afirmação assumida pelo escritor cujo efeito é a *entrega do escritor pelo texto* é definida quase sempre pelo que ela não é ou pelo que ela não tem. Ela (1) não tem consistência, (2) não afirma nada, (3) não é repouso, (4) não precede a palavra – o que é bastante enigmático. De maneira menos negativa, (5) a afirmação impede a palavra de ser “palavra iniciadora”, e (6) retira o poder da palavra de ser interrompida. Mesmo nas duas últimas designações, que não são inteiramente negativas, os verbos no período não destoam desse sentido, *impedir* e *retirar*.

Deixemos o conceito de ‘palavra’ um pouco em suspenso por enquanto, e persistamos no conceito de afirmação. A ‘afirmação’ a que está entregue o escritor é (1) inconsistente. A que deverá sua falta de consistência? A afirmação da qual se trata não tem consistência (ou forma) de afirmação, pois não há consistência de autoridade, ou melhor, não há autor naquele que escreve, ou de maneira ainda mais radical, não consta o autor senão naquilo que se escreve. Há uma separação entre o escritor, o que escreve, e o autor, o que tem autoridade². A *afirmação inconsistente* sugere que o escritor é não mais que uma testemunha diante daquilo que se escreve a sua frente, e que se chama, por assim dizer, o fenômeno da emergência do autor. O autor, para Blanchot, é a dimensão pontual de um escritor, é um evento. Sobre a afirmação, a segunda consideração é a de que ela (2) nada afirma. Um aparente oxímoro. Para além disso, no entanto, está o fato contrário: se ela nada afirma, ela nega? Uma saída possível é cogitar que a afirmação, nesse caso, não tem um objeto, um mundo para afirmar, pois não tem um sujeito, um

²Essa separação é análoga a que Blanchot realiza entre livro e obra: BLANCHOT, 1987, p. 11-12.



autor que seja consistente. Não há diluição somente do escritor, mas co-emergem autor e texto no ato da criação.

A afirmação não é repouso, eis a terceira proposição. (3) Ela indica, sobretudo, movimento, que já era esperado, uma vez que não há, como vimos, consistências rígidas ou invioláveis no ato de escrever. A quarta proposição – (4) “[a afirmação] não precede a palavra” (BLANCHOT, 1987, p. 16) – pode ser pensada em conjunto com a quinta – (5) “impede a palavra de ser palavra iniciadora”(BLANCHOT, 1987, p. 16) – porque são de algum modo complementares. Estamos nos aproximando talvez do conceito de tempo da escrita em Blanchot, um conceito de tempo que é da intensidade e não da cronologia. Não há sucessão lógica: há a palavra, então se afirma; ou se afirma e então as palavras se dão. Há tão somente o que Blanchot (1987, p. 15) chama de *fascinação*, um momento de intensidade, onde um autor e um texto se criam, onde afirmação e palavra emergem. A única função, se assim podemos dizer, dessa afirmação, está longe de ser dar espaço à origem de um texto, mas é, precisamente, a de (6) “retirar o poder da palavra de interromper-se” (BLANCHOT, 1987, p. 16). Em termos talvez mais simples: a palavra, motor da criação, pode se interromper; porém, é a afirmação o que, vindo depois da palavra, tem o poder de impedir a sua interrupção. Blanchot percebe – com engenho e não sem contradição – que a palavra não pode ser apreendida, mas que ela tem um poder, quem sabe o único, de ser interrompida. Cabe, portanto, à afirmação disto que é incessante, interminável, subtrair este poder da palavra, e assim permitir o ato da criação.

Na única definição imediatamente positiva do conceito de afirmação, Blanchot nos dá essa insólita sentença: a “[afirmação] é o que ainda fala quando tudo foi dito” (BLANCHOT, 1987, p. 16). O interminável, o incessante, não deixa de perturbar e incitar o autor que quer se extinguir, mas o autor depende da palavra (o interminável), e a palavra do autor, pois são uma só e mesma coisa. O escritor, enfim, com as suas dificuldades, tenta se proteger desse incessante – que é sem dúvida um correlato da angústia. Mas quando o escritor, ao invés de negar, afirma o interminável, faz existir o autor, sendo, no máximo, testemunha de todo o processo.



Escrever

Escrever é quebrar o vínculo que une palavra ao eu, quebrar a relação que, fazendo-me falar para “ti”, dá-me a palavra no entendimento que essa palavra recebe de ti, porquanto ela te interpela, é a interpelação que começa em mim porque termina em ti. Escrever é romper esse elo. É, além disso, retirar a palavra do curso do mundo, desinvesti-la do que faz dela um poder pelo qual, se eu falo, é o mundo que se fala, é o dia que se identifica pelo trabalho, a ação e o tempo. [...]

Quando escrever é entregar-se ao interminável, o escritor que aceita sustentar-lhe a essência perde o poder de dizer "Eu". Perde então o poder de fazer dizer "Eu" a outros que não ele. Tampouco pode dar vida a personagens cuja liberdade seria garantida por sua força criadora. A ideia de personagem, como a forma tradicional do romance, nada mais é do que um dos compromissos pelos quais o escritor, arrastado para fora de si pela literatura em busca de sua essência, tenta salvar suas relações com o mundo e consigo mesmo. (BLANCHOT, 1987, p. 17)

Romper, quebrar: o vínculo, a relação, o elo. Escrever, para Blanchot, é um ato que aparta a relação entre a palavra e o eu. Mais que isso, porém, o ato de escrever retira a palavra do seu circuito habitual de significação, do “curso do mundo”.

Sobre o vínculo entre eu e tu, o vínculo, digamos, entre as pessoas, cabe ao ato de escrever um rompimento desse elo. É a cumplicidade do idioma que o ato de escrever arrasa, e põe abaixo tanto o que diz “eu” quanto o que se reconhece como “outro”, a colaboração generosa que nos esforçamos para cumprir na rotina. A linguagem que visa apenas a comunicação é ordenada por um “poder”, assim o chama Blanchot, um poder pelo qual, de certo modo, optamos, mas que, ao mesmo tempo, somos obrigados a usar e manter. É uma subversão inesperada que o ato da escrita realiza, na medida em que não se subordina ao poder referenciador da linguagem. Se escrever é retirar a palavra do curso do mundo, trata-se sobretudo de retirá-la de sua designação referencial, isto é, da que aponta uma coisa no mundo, pela qual “se eu falo, é o mundo que fala, é o dia que se identifica, pelo trabalho, ação e tempo” (BLANCHOT, 1987, p. 17).

Mas o rompimento com a linguagem regular é apenas um efeito colateral. O essencial do escrever encontra-se na entrega ao interminável. Diz Blanchot que, quando escrever é entregar-se ao interminável (em um caso muito particular, portanto), “perde-se então o poder de fazer dizer “Eu” a outros



que não ele” (BLANCHOT, 1987, p. 17). Sempre se pode imitar um outro através da literatura, e então assumir o que foi evocado desse outro para si, involuntariamente, roubando um gesto, uma frase desse outro. Ainda assim, é possível reconhecer quando, na arte, algo foi imitado de alguém, e isto não constitui, obviamente, nenhum delito de má fé ou carência de originalidade. No entanto, quando se escreve na entrega do interminável, não se pode mais imitar outros autores em sua arte, não há ninguém a ser invocado para fazer parte dela. Nem mesmo os livros dos autores que influenciaram e formaram o escritor possuem alguma função nessa hora. Só o que já foi evocado e que é agora escritor – não parte, mas escritor –, só o que se misturou tanto a ele que não se pode mais demarcar o que é influência e o que é influenciado, pode “fazer eco do que não pode parar de falar” (BLANCHOT, 1987, p. 18).

O escritor está só, pois só ele pode escrever isso, ou seja, só ele pode permitir ser alvo da busca do autor. O autor, emergência pontual, busca o escritor. O que *não pode parar de falar* não pode parar de falar ao escritor. É preciso que ele tenha a abertura de se ater ao “eco do interminável”, porque o interminável, ele mesmo, não parece ser passível de escrita, mas seu eco sim. A única condição que Blanchot acredita haver para se captar esse eco é impor silêncio não ao interminável, pois este, como se espera, não está muito disposto a ordens, mas ao eco, a isso que retorna ao escritor – desse interminável – depois que contra ele se chocou. Nesse ato da escrita, o escritor é expulso para fora de si. *Isso apenas fala*, interminavelmente, sem que se possa se proteger com nada senão com um silêncio, um tipo de silêncio que o escritor impõe ao interminável. É a isto que Blanchot denota por ‘tom’.

Tom

Quando numa obra lhe admiramos o tom, sensíveis ao tom como ao que ela tem de mais autêntico, o que queremos designar por isso? Não o estilo, nem o interesse e a qualidade da linguagem, mas precisamente, esse silêncio, essa força viril pela qual aquele que escreve, tendo-se privado de si, tendo renunciado a si, possui nesse apagamento mantido, entretanto, a autoridade de um poder, a decisão de emudecer, para que nesse silêncio adquira forma, coerência e entendimento aquilo que fala sem começo nem fim. O tom não é a voz do escritor mas a intimidade do silêncio que ele impõe à fala, o que faz com que esse silêncio ainda seja o *seu*, o que resta de si mesmo na discrição que o coloca margem. O tom faz os



grandes escritores, mas talvez a obra não se preocupe com aquilo que os faz grandes. (BLANCHOT, 1987, p. 18)

Blanchot afirma que o “tom não é a voz do escritor” – como se poderia pensar ao se ter em conta a vontade de um *Eu* –, mas é a “intimidade do silêncio que ele impõe a fala”, e mais que isso, “o que faz com que esse silêncio ainda seja seu” (BLANCHOT, 1987, p. 18). O escritor, mesmo sendo expulso de si pelo ato da escrita, pode ainda possuir algo: um silêncio, e com esse silêncio, uma afirmação, e com ela, uma autoridade. O vestígio dessa operação, entretanto, ainda permanece, apesar de todo o apagamento do escritor. E é o tom esse vestígio, isso *que resta de si mesmo* (do escritor) no silêncio imposto à palavra que faz o texto. Segundo Blanchot, o tom é aquilo que pode ainda o escritor dizer que é seu, mas que de forma alguma se pode entender como o essencial desse texto. Como é evidente, o tom não é uma outra voz que surge quando há o apagamento do autor, “o puro deslizamento da fala de alguém” (BLANCHOT, 1987, p. 18), mas a confirmação de que há escritor no trabalho do autor. Consequentemente, há mundo, há um conteúdo na obra, não é ela um acontecimento tão só interior à ela mesma. É possível crer, desta maneira, que há alguns escritores cujo tom é discreto, isto é, que reconheça tampouco dele lá que quase acredite tratar-se de uma espécie de psicografia; e outros cujo silêncio é mais rigoroso, e que podem mesmo enunciar razões objetivas pelas quais escreveu um texto. Resta saber se seria uma atitude plausível constatar isso no texto em si.

Silêncio

Escrever é fazer-se eco do que não pode parar de falar e, por causa disso, para vir a ser o seu eco, devo de uma certa maneira impor-lhe silêncio. Proporciono a essa fala incessante a decisão, a autoridade do meu próprio silêncio. Torno *sensível*, pela minha mediação silenciosa, a afirmação ininterrupta, o murmúrio gigante sobre o qual a linguagem, ao abrir-se, converte-se em imagem, torna-se imaginária, profundidade falante, indistinta plenitude que está vazia. Esse silêncio tem sua origem no apagamento a que é convidado aquele que escreve. Ou então, é o recurso de seu domínio, esse direito de intervir que conserva a mão que não escreve, a parte de si mesmo que pode sempre dizer não e que, quando necessário, recorre ao tempo, restaura o futuro. (BLANCHOT, 1987, p. 17)



Talvez não tenha ficado claro, e por isso não custa repetir, que o silêncio está ligado à autoridade (a “autoridade do silêncio”), e que é pelo silêncio que se “torna sensível” a afirmação da palavra – ambas ininterruptas. Ao abordar o interminável, Blanchot realiza considerações sobre o silêncio que são, na medida do possível, esclarecedoras.

A primeira é a de que, no ato de escrever, proporciona-se à “fala incessante [...] a autoridade do meu [do escritor] silêncio”. Coincidirá, desse modo, a fala incessante com a palavra inapreensível? Aqui, ao menos, Blanchot não diferencia fala de palavra. Mas o silêncio imposto pelo autor à palavra – ou à fala, ou mais exatamente ao incessante – propõe-se como o ato fundamental da criação. E no instante desse ato, desse silêncio, o incessante adquire forma; ou citando Blanchot: “no silêncio adquire forma aquilo que fala sem começo nem fim” (BLANCHOT, 1987, p. 18). Todavia não é miraculosa a aparição do silêncio. Sua origem está no apagamento do escritor, o que faz surgir o autor, o silêncio e a afirmação. O escritor, porém, se desejar, pode interferir, negar seu apagamento, e o conseqüente silêncio que poderia emergir se extingue, e com ele, o autor.

Curioso é o fato de que pela restauração do tempo – aqui sim, cronológico – o autor pode renunciar ao silêncio: trata-se de um outro conceito de tempo, este que supõe o ato de dar forma ao incessante. O tempo da autoria não é o mesmo da escritura. Quando se fala que no silêncio o incessante adquire forma, o que se chama de *forma*? Ao que parece, há três suposições em Blanchot para defini-la, que se compõem desdobrando-se e recolhendo-se todo o tempo, ambas, contudo, claramente diferenciadas. Essas três suposições de Blanchot, que apenas apontaremos³, estão presentes nessa frase: “[...] o murmúrio gigante sobre o qual a linguagem, ao abrir-se, converte-se em imagem, torna-se imaginária” (BLANCHOT, 1987, p. 17). A primeira suposição (1) é a de que existe um *murmúrio gigante*. Este é, de certo, o que já

³ Não são muito distintas as três proposições lacanianas em Jean-Claude Milner: “Existem três suposições. A primeira, ou melhor, uma, pois já é demais pôr ordem nisso, por mais arbitrária que seja, é que *há*: proposição tética que só tem por conteúdo sua própria proposição – um gesto de corte, sem o que não há nada que exista. Chamaremos isso real ou R. Outra suposição, dita simbólica ou S, é que *há alíngua*, suposição sem a qual nada, e singularmente nenhuma suposição pode ser dita. Outra suposição, enfim, é que *há semelhante*, em que se institui tudo o que cria vínculo: é o imaginário ou I” (MILNER, 2006, pg. 7)



estamos tratando por incessante ou palavra. Sobre ele – é o que diz Blanchot, o que não que dizer, todavia, que se constitua qualquer relação hierárquica –, enfim, sobre o murmúrio há a segunda suposição (2): a *linguagem*. A linguagem aqui é a linguagem que pertence ao escritor, isto é, que impõe um silêncio e dá forma ao incessante, ao murmúrio gigante. A terceira suposição (3) é a mais delicada, sobretudo porque parece depender das outras duas: quando a linguagem (que está sobre o murmúrio) se abre, ela se converte em *imagem*⁴.

Retomando a discussão da *forma*: ao contrário da palavra (murmúrio gigante), que está vazia⁵, a imposição do silêncio a este vazio incessante sobre o qual a linguagem está erguida acaba por constituir, no ato da criação, uma forma que se apresenta como uma imagem. Nas palavras de Blanchot, trata-se do instante “onde a coisa se torna imagem” (BLANCHOT, 1987, p. 24). O silêncio, ao impor sua autoridade ao interminável, desdobra a linguagem (que parece estar cada vez mais convencionalizada pelo uso habitual), obriga-a a se abrir, e proporciona-se assim a conversão da palavra – por definição inapreensível – em forma, em imagem. Não parece arriscado afirmar agora que é o silêncio o fato e o momento crucial da criação, antecedido apenas pelo apagamento do escritor.

Linguagem

Escrever é o interminável, o incessante. Diz-se que o escritor renuncia a dizer “Eu”. Kafka observa, com surpresa, com um prazer encantado, que entrou na literatura no momento em que pôde substituir o “Eu” pelo “Ele”. É verdade, mas a transformação é muito mais profunda. O escritor pertence a uma linguagem que ninguém fala, que não se dirige a ninguém, que não tem centro, que nada revela. Ele pode acreditar que se afirma nessa linguagem, mas o que afirma está inteiramente privado de si. Na medida em que, escritor, ele legitima o que se escreve, nunca mais pode exprimir-se e ainda menos falar para ti nem dar a palavra a outrem, Aí onde está, só fala o ser – o que significa que a palavra já não fala mas é, mas consagra-se, à pura passividade do ser. (BLANCHOT, 1987, p. 17)

Por último, caberia determo-nos um pouco na linguagem do escritor, esta linguagem que não é uma linguagem própria do escritor, mas à qual ele

⁴ Blanchot melhor esclarecerá o conceito de imagem a seguir, no capítulo “A imagem”, que não abordaremos. Cf. BLANCHOT, 1987, 22-24.

⁵ “[...] indistinta plenitude que está vazia” (BLANCHOT, 1987, p. 18)



pertence por um momento, o instante da fascinação⁶. Nesta linguagem, em primeiro lugar, diz-nos Blanchot, ninguém fala. Dizer que ninguém a fala é dizer que não se trata, neste caso, de uma linguagem que possa ser compartilhada, que ponha em cena a troca de informação como sua função primeira, a transmissão de uma mensagem. É igualmente sugerir que não há um 'Eu' enunciador que possa dar segurança de si, que possa afirmar o próprio escritor, uma vez que "ele não se afirma nessa linguagem" (BLANCHOT, 1987, p. 17). Essa linguagem também "não se dirige a ninguém" (BLANCHOT, 1987, p. 17). Corrobora-se, com isso, o pensamento de que ela não se permite compartilhar, é uma linguagem que, por princípio, não ambiciona um receptor, um leitor. Isto não quer dizer, é evidente, que não haja alguém que a recebe, mas que o receptor simplesmente é uma fatalidade.

A linguagem à qual pertence o escritor "nada revela" (BLANCHOT, 1987, p. 17). Nessa linguagem proposta por Blanchot, não há *emissor*, ao menos não no sentido de um emissor que possa ser alguém, que possa manifestar a consciência de seu "Eu". É preciso que tenha havido já o apagamento do escritor. É preciso que o escritor se veja surpreendido em ninguém, em indeterminado. Por outro lado, não há *mensagem* a ser passada, ou seja, mais do que o fato de que a linguagem tenha a capacidade de não revelar nada a alguém, a linguagem da qual nos fala Blanchot radicaliza isso, e seu valor está no fato de, por definição, não fazer diferença alguma se há ou não conteúdo para ser revelado em seu uso.

A linguagem também não se dirige a ninguém. Melhor que afirmar a inexistência de receptor é ser mais prudente: a linguagem, na verdade, prescinde de *receptor*. Tudo o que se sabe, afinal, desta linguagem, é que, ao se deparar com ela, o escritor encontra-se "privado de si"⁷. No espaço da

⁶ "O escritor parece senhor de sua caneta, pode tornar-se capaz de um grande domínio sobre as palavras, sobre o que deseja fazê-las exprimir. Mas esse domínio consegue apenas colocá-lo e mantê-lo em contato com a profunda passividade em que a palavra, não sendo mais do que sua aparência e a sombra de uma palavra, nunca pode ser dominada nem mesmo apreendida, mantém-se inapreensível, o *momento indeciso da fascinação*. O domínio do escritor não está na mão que escreve, essa mão "doente" que nunca solta o lápis, que não pode soltá-lo, pois o que segura, não o segura realmente, o que segura pertence à sombra e ela própria é uma sombra. O domínio é sempre obra da outra mão, daquela que não escreve, capaz de intervir no momento adequado, de apoderar-se do lápis e de o afastar" (BLANCHOT, 1987, p. 15).

⁷ *Ibidem*, p. 17.





criação, no espaço literário, não há lugar para o “Eu” do escritor, que depois, é claro, pode muito bem se orgulhar do que escreveu, mesmo sabendo que sua colaboração não foi mais que involuntária.

Importa a esta linguagem que fale o ser, e mais que transmitir alguma coisa, a palavra precisa *ser*, a palavra, enfim, “consagra-se à passividade do ser” (BLANCHOT, 1987, p. 18). É certo que isso parecerá vago, insubstancial, mas não é outra coisa que essa linguagem tem em sua essência: o vazio, a ausência. O escritor é a única testemunha da presença dessa ausência. E ele a escreve, quando pode.

Affirmation, write, tone, silence, language...
Commentary on “The Interminable, the Incessant” in
Maurice Blanchot's The Space of Literature

Abstract

This essay aims to explore five concepts of the book *The Space of Literature* by Maurice Blanchot: affirmation, write, tone, silence and language. These concepts are essential to the understanding of Blanchot's considerations on the process of literary creation.

Keywords: writing. Silence. Blanchot.

Referências:

ANTONIOLI, Manola (1999). **L'écriture de Maurice Blanchot**: Fiction et théorie. Paris: Kimé.

BLANCHOT, Maurice (1987). **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco.

_____ (1955). **L'espace littéraire**. Paris: Gallimard.

_____. (1997) **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco.

MILNER, Jean-Claude (2006). **Os nomes indistintos**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

NETO, João Cabral de Melo Neto (2003). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.